

Finalmente, examina a questão da mídia e sua relação com as gangues. A atenção que a TV, jornais e filmes chamam para as gangues traz vantagens e desvantagens. Mas é particularmente prejudicial a visão estereotipada trazida especialmente por programas sensacionalistas e filmes preconceituosos, onde aqueles que não são brancos e pertencem a população de baixa-renda carregam automaticamente o estigma da imoralidade e da corrupção de costumes. Essa colocação, entre outras, faz do estudo de Martín Sánchez-Jankowski uma obra indispensável àqueles que se dedicam à pesquisa nesta área.

Rosely Aparecida Romanelli  
Mestranda - Faculdade de Educação,  
Universidade de São Paulo

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 v. Tradução de Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves, Maria Lúcia Machado.

*Uma geração não pode sujeitar às próprias leis as gerações futuras*  
Artigo 28, Declaração dos  
Direitos do Homem, 1793

“História dos jovens” é uma coleção composta a partir da colaboração de diversos historiadores europeus do campo da história social. Cada colaborador desenvolveu uma periodização interna e específica para a compreensão do jovem na sociedade e tempo referente ao seu tema de estudo. Cada estudo, por fim,

resultou em um capítulo da coleção. Em outras palavras, apesar dos subtítulos: “Da antiguidade à Era moderna” (primeiro volume, 8 capítulos, 372 páginas) e, “A época contemporânea” (segundo volume, 9 capítulos, 382 páginas), “História dos Jovens” não é uma obra de caráter macro-histórico. Mais ainda, os organizadores incentivaram a apresentação de modelos interpretativos múltiplos, o que segundo eles, evitaria síntese uniformizadora e até redutiva do problema. No entanto, essa organização da obra não deve nos levar a vê-la como mera coletânea de textos autônomos sobre um mesmo tema. É possível encontrar ao longo da leitura dos dois volumes certa unidade de procedimentos de trabalho privilegiados pelos pesquisadores e uma tentativa mais ou menos constante responder à questões que serão apresentadas a seguir.

O título escolhido para a coleção já sugere o desafio lançado a cada participante da coleção: escrever uma história dos jovens, não da juventude. A preocupação, neste caso, foi a de descartar as “imagens fortes” que em nossa sociedade conotam o termo “juventude”. O primeiro objetivo de cada estudo foi o de desvendar a construção social e simbólica que diferentes sociedades, em diferentes épocas, tecerem dando corpo a idéia de juventude. Por isso, quase todos os capítulos se iniciaram por uma definição do termo específica para o período estudado. Isso é alcançado através da análise de documentação jurídica, ou, estudando práticas sociais que envolviam os personagens nesta faixa etária que delimitamos como juvenil. Os estudos mostram que as idades que delimitam o fim e o início da juventude variam com espaço e às

vezes, no mesmo espaço, com o passar do tempo. É impossível não notar que o social se sobrepõe ao biológico.

Para os organizadores da obra, a juventude pode ser entendida como um conjunto de problemas que se colocam para um indivíduo entre uma primeira fase de separação e a fase final de agregação do processo de socialização. Os estudos descrevem as complexas relações sociais concretas que o grupo neste estágio do processo pode manter com a comunidade ou sociedade mais ampla. Relações, essas, que podem ser marcadas por solidariedade e/ou conflito. Lendo os estudos podemos nos deparar com circunstâncias de vida dos jovens muito familiares e outras absolutamente diversas daquelas que conhecemos. Podemos, ainda, acompanhar o esforço dos historiadores para delimitar a condição do grupo de jovens cobertos pelo-corpo documental, já que, na maioria dos casos, a condição verificada não pode ser estendida a todo o grupo e para longos períodos. Afinal, a condição do jovem que está no campo não é a mesma daquele que está na cidade; ou, a condição dos jovens que pertencem a sexo ou classe social diversas podem variar profundamente dentro de uma mesma sociedade e período determinados. Para o leitor, refletir sobre tais circunstâncias pode revelar-se um um exercício agradável e útil de desmonte de certos preconceitos. Pode, também, sugerir outras categorias ou enfoques para a pensarmos a temática da juventude nos nossos dias.

Os estudos têm ainda em comum a preocupação de buscar modos de pensar, representações ou imagens que as sociedades ou os próprios jovens-construíram sobre si.

Lendo a coleção de uma maneira não autorizada, percebi que pode ser datada a questão tão atual da continuidade/descontinuidade entre as gerações. Ao longo dos capítulos referentes a Grécia clássica até Reforma protestante, apresentados no primeiro volume, a preocupação das sociedades era claramente o de preparar e garantir adesão dos jovens aos valores e padrões políticos e sociais vigentes. No mundo clássico a vida do jovem era marcada por um conjunto de práticas rituais e formativos asseguravam assimilação dos modelos necessários para a perpetuação da vida civil. É também bastante ritualizada a vida do jovem das camadas privilegiadas durante a Idade Média. A juventude inspirava medo e desconfiança, estava associada a fraqueza de espírito e a desordem. Mas, através do belo e penoso caminho até tornar-se um cavaleiro, o jovem vinculava-se a defesa e manutenção das instituições. Os jovens das camadas privilegiadas na Idade Moderna europeia ora tinham seus destinos conduzidos pela manutenção das linhagens e patrimônio da família. Esse é o caso tanto daqueles que tiveram seus casamentos arranjados, como daqueles que por decisão paterna foram conduzidos aos conventos. Quando são descritas as “vagabundagens juvenis noturnas”, tão frequentes a partir de 1550 nas comunas e cidades, elas quase sempre podem ser entendidas como desordens vinculadas e compreendidas pelos adultos, apesar das constantes medidas repressivas. Essa regularidade tende a se inverter ao acompanharmos a descrição das relações estabelecidas pelos jovens e adultos ao longo do segundo volume.

No prefácio, os organizadores afirmaram que os Estados modernos

“progressivamente sugeriram formas orgânicas de socialização e controle: desde a escola, em que as idades são sempre identificadas com mais precisão, até o exército e o sistema jurídico” (p. 13). A afirmação que serviu de epígrafe para essa resenha não seria concebível um século antes na Europa, mesmo entre aqueles que viam a rebeldia como um traço inerente à juventude. Os jovens começam a ser representados a partir das rebeliões liberais juvenis do século XIX como sujeitos naturais, potencialmente livres das dominação dos padrões da história da sua época. Sujeitos que, como agentes da história, poderiam fazer reascender o desejo, a natureza, a verdade, numa época corrompida. O projeto jacobino, expresso particularmente na Convenção de 1792 na França, pretendeu criar através da escola, uma geração com padrões de pensamento e comportamento revolucionários. Essa crença, bastante arraigada ao projeto de liberdade e igualdade até os nossos dias, foi, também, a idéia força do fascismo e do nazismo, movimentos políticos autoritários, como mostrarão os três últimos estudos que compõem o segundo volume. É muito recente na história ocidental a instituição de uma “subcultura” própria de uma geração. Foi só a partir dos anos 50, nos Estados Unidos que, como mostrou o capítulo assinado por Luisa Passerini, conhecemos grupos de jovens apartados do mundo dos adultos. Foi também neste contexto que os jovens passaram a estruturar um vocabulário, gosto estético e musical específicos.

A atual constância de notícias trágicas envolvendo jovens imprensa brasileira e mundial, têm insistentemente sugerido a idéia de “crise”. Quando comparada às inúmeras e diferentes “crises” que

são relatadas ao longo dos dois volumes da “História dos Jovens”, temos a impressão de que podemos olhar nossos problemas com mais tranquilidade. Nem sempre as “crises” têm o caráter apocalíptico que pretendem os seus divulgadores. Como sugerem os organizadores da coleção, para compreensão do enigma da juventude em nossa sociedade, talvez tenhamos que nos deparar, como fizeram os historiadores nestes estudos, com a nossa sociedade como um todo. Ou seja, com “elementos de desagregação associados a períodos de mudanças, os elementos de conflito e as resistências inseridos nos processos de integração e reprodução social” (p. 12, vol. 1).

#### Guia de leitura

##### Volume 1

Alain Schanapp defende em seu capítulo “*A imagem dos jovens na cidade-grega*” que a continuidade (ou reprodução) da sociedade grega esteve fundada na paidéia, um sistema de tradições, instituições e práticas rituais que formavam o futuro cidadão. Essa paidéia, mostra o relato, foi sendo configurada e construídas desde a época arcaica até o período clássico. O autor mostra que a idéia de agrupamento por classe etária, organização praticada originalmente em Creta foi mantida ao longo da história das cidades-estado. O autor relata o funcionamento e o significado da prática da ginástica, da caça, o serviço militar, a constituição do companheirismo (solidariedade com os indivíduos da mesma faixa etária) e as relações rituais entre adultos e jovens (pederastia-*philia*), práticas rituais que asseguraram modelos de bem viver e do estilo necessário para viver civilmente.

O capítulo “*O mundo romano*” assinado por Augusto

Fraschetti nos mostra a difícil trajetória de jovem da nobreza romana até o ingresso definitivo na vida autônoma. A partir dos 15/16 anos os jovens abandonavam em meio a uma cerimônia doméstica os emblemas da infância e adotavam a “toga viril”. Desde então, podiam acompanhar os negócios públicos e jurídicos, mas como “aprendizes”. Essa aprendizagem deveria durar até os 28/30 anos quando, segundo os legisladores romanos, terminaria a adolescência e se iniciaria a juventude, que se estendia até os 45/50 anos. O autor, através da descrição de rituais e instituições tipicamente romana procura nos apresentar o conteúdo simbólico que a juventude tinha para os romanos.

Elliott Horowitz nos apresentará “*Os diversos mundos da juventude judaica na Europa: 1300-1800*”. Seu estudo se desenvolveu através do estudo de textos de filósofos, poetas e sobretudo, leis e práticas defendidas pelos rabinos. Podemos acompanhar o processo de implantação da educação para os jovens das comunidades judaicas, que ao longo dos séculos estudados tendeu a estender sua compulsoriedade para além dos filhos das famílias mais abastardas, como tendeu a ampliar o tempo de duração obrigatória. Trata ainda dos jovens de famílias pobres que se empregavam como domésticas e dos processos de casamento.

Através da literatura européia do século XI ao XVI, Christiane Machello-Nizia apresentará a construção de valores e representações que marcaram profundamente o jovem palaciano da Idade Média européia: aventura, generosidade, lealdade contratual, elegância de maneiras e de coração. “*Cavalaria e Cortesia*” descreve ainda o processo de adouber (ordenação do cavaleiro) e as íntimas

ligações do bacharel (aspirante de cavaleiro) com o seu senhor. A autora defenderá que a busca do jovem por um destino heróico, que no plano simbólico era a busca exemplar da morte, possível esteticamente bela, estava vinculado a defesa das instituições e a sobrevivência do próprio grupo social dominante. “*Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval (séculos XIII-XV)*” assinado por Elisabeth Crouset-Pavan apresenta o conflituoso processo de integração/marginalização do jovem do sexo masculino das elites nas cidades-estado italianas. Apesar dos inúmeros rituais instituídos com o objetivo de induzir os jovens a partir dos 18 anos, na defesa e participação política nas cidades, o estudo das atas das reuniões dos conselhos de governo deixa transparecer o medo e a ameaça que este grupo representava para a elite governante. Deve-se ressaltar que esse jovem, chamado a participar da vida política e social da cidade, vivia quase sempre uma total dependência em relação ao pai, não só chefe da família, como chefe do negócio da família. Os grandes pregadores do período, mostra a autora, também denunciam o perigo da juventude. Defendiam que, antes dos 40 anos “o jovem” estava sujeito à fragilidade do corpo e da alma, portanto, deveriam ser controlados e governados. São inúmeros e graves os conflitos e tentativas de administrá-los, relatados neste estudo. O capítulo seguinte, “*Os emblemas da juventude: os atributos e representações dos jovens na imagem medieval*” escrito por Michel Pastoureau, será a último estudo a tratar desse período. Nele se confirma a posição marginal do jovem no conjunto das representações do mundo medieval. Nas miniaturas (imagens inserida

nos livros) produzidas na Europa do século XIV e XV, os jovens nas raras vezes que foram representados, ocupam as margens ou o segundo plano da representação. A cor verde, geralmente associada à licenciosidade, desordem, inconstância, doença; e, também, a esperança e sorte, aparece era também a cor mais utilizada na representação da juventude.

Depois de apresentar documentos que indicam a concepção que a época moderna construiu sobre os jovens, Norbert Schindler em “*Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna*” analisa decretos comunais contra os tumultos noturnos praticados por jovens do sexo masculino, que tornam-se muitíssimo frequentes a partir de 1550, período da Reforma. As “vagabundagens noturnas” parecem ser fruto da resistência de uma nova moral que tentava se impor, e poucas vezes, parece ter sido tratado como um conflito geracional. O autor vai tentando acompanhar nos debates das autoridades comunais o “consenso tácito” que se estabelecia entre os jovens e adultos nestes rituais de confronto.

A partir da segunda metade do século XVI, na França e na Itália, mais da metade dos homens em idade adulta não se casa. Na Inglaterra, no final do século XVII e início do XVIII, esse fenômeno atinge mais de um terço dos homens em idade adulta. As cifras não são muito diferentes para as mulheres. Renata Ago, em “*Jovens nobres na Era do absolutismo: autoritarismo paterno e liberdade*” discutiu o resultado das políticas familiares que instaurou um mundo repleto de conventos, onde eram encerrados jovens sem nenhuma escolha pessoal ou vocação. A autora discutiu ainda,

a concepção pedagógica renascentista que atribuiu aos pais a responsabilidade última pela felicidade e escolhas dos filhos, que nem sempre como ela tentará mostrar, poderá ser explicada por uma simples oposição autoritário/liberal.

#### Volume 2

"*Imagens da juventude na era moderna*" assinado por Giovani Romano é um capítulo curto que trata dos pintores e pinturas que retratam os jovens no período indicado no título.

"A guerra tem traços juvenis" é a frase de abertura do capítulo escrito por Sabrina Loriga, que descreve por um lado o processo de instalação da prestação de serviço militar obrigatório na Europa a partir do século XVIII, do outro lado o capítulo tenta dar conta de apresentar, como indica o título, "*A experiência militar*". A partir de 1798 na França, a convocação prendia o jovem dos 20 aos 26 anos para o serviço de defesa da nação. Isso representou um "envelhecimento" das fileiras dos soldados que podiam começar a servir, já que no século anterior, era comum o ingresso no exército a partir dos 15, 16 anos. Muitos dos jovens convocados precisavam deixar um vínculo de trabalho familiar ou mesmo em uma oficina. A autora relata uma série de formas de resistência à convocação: casamentos foram antecipados, doenças foram simuladas e até mutilações foram preferidas à prestação compulsória do serviço militar. E se a maioria dos soldados eram do sexo masculino, a autora lembra que, até o início do século XIX, a mulher participava normalmente da vida dos acampamentos militares. Para esses jovens a experiência militar representou uma aprendizagem que

podia passar pela alfabetização, pela superação dos regionalismos e integração na nacionalidade; e, por fim, por uma concepção mais duradoura no imaginário coletivo de virilidade e masculinidade. Sintetiza a autora: entre 1618 a 1763 a França combateu durante 73 anos, a Áustria, 92 anos, as Províncias Unidas 62 anos, a Espanha 82, a Inglaterra apenas 45. Seguiram-se a essas guerras profissionais outro século de guerras revolucionárias. Lembrar esse contexto basta para justificar a importância do tema.

Daniel Fabre descreverá a festa-ritual tradicional que ocorria em uma aldeia camponesa na Montanha Negra languedociana. Seus dados decorrem da observação ou da memória dos antigos moradores da região, o que cobre os anos 60 para cá. Mas a sua questão é de operar dentro de uma análise regressiva. Ou seja, procurar o sentido constitutivo da própria juventude contido neste tipo de festa-ritual, tradição que remonta ao Antigo Regime, quando elas eram bastante comum em todas as aldeias e cidades européias. O tradutor avisa-nos numa nota de rodapé que o título do original francês tanto pode ser traduzido, como ele o fez, por "*Ser jovem na aldeia*" como "construir-se jovem na aldeia. Essa ambigüidade parecer ser a própria hipótese do autor. Além de nos proporcionar um relato muito agradável e divertido, o autor coloca-nos questões muito interessantes sobre os conflitos e solidariedades que se estabeleciam tradicionalmente entre as gerações. E, mais, sobre uma certa pedagogia que se escondia sob a forma desses rituais. Em três dias de festa ocorriam missas, bailes, refeições em comuns, namoros, farças juvenis que varavam a madrugada, e até, idas ao cemitério ligando a vida dos vivos e

dos mortos, reconstruindo ritualmente a memória da aldeia e da nação.

"*A juventude operária: da oficina à fábrica*", capítulo assinado por Michelle Perrot, é longo e denso. A autora trabalhou principalmente sobre dois tipos de fontes primárias: os relatórios das juntas médicas que atestam, ao longo do século XIX, não só a dispensa militar e o flagelo da pobreza e do trabalho precoce sobre a saúde dos filhos dos operários; e, autobiografias de operários. Em relação ao jovem operário, temia-se a vagabundagem, a libertinagem e seu espírito contestador e, por isso, defendia-se a necessidade de salvar a juventude. Para concretizar essas representações, a autora trata das três imagens emblemáticas produzidas sobre os jovens operários na França do século XIX: o aprendiz, o apache e a grisette.. A autora mostra as transformações que a própria delimitação da faixa etária sofreu no período. O atestado de primeira comunhão foi, por muito tempo, o documento exigido dos pais para o ingresso da criança no mundo do trabalho e o casamento, rito que acontecia entre os 28/25 anos para os homens, 26/24 anos para as mulheres operárias, o marco para o ingresso na vida adulta. A instituição do ensino obrigatório e gratuito na França, em 1882, levou a substituição do atestado religioso pelo diploma escolar. A carteira de registro de trabalho obrigatória para todos os menores, instituiu, depois de idas e vindas, os 18 anos como marco da maioridade. A autora discute ainda a complexa relação família-fábrica e jovem. Mostra um conjunto de tramas que vão libertando o jovem da opressiva condição de filho-operário de uma oficina-família, para uma situação de família patriarcal transmissora de

um conhecimento profissional, até, a generalização da individualização do assalariado, tão aspirada pelos jovens, mas tão cheia de conseqüências sociais e culturais. Há um destaque especial para a questão da aprendizagem profissional, para a legislação trabalhista e enfim, para a condição feminina nas fábricas e/ou oficinas-ateliês mantidas por damas de caridade e religiosas.

Como estudar a experiência dos jovens nos colégios e liceus se raramente esses nos deixaram fontes escritas? Ou podemos considerar seus trabalhos escolares, produzidos sob a observação e vigilância dos severos mestres um documento confiável? Para escrever *“Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do século XVIII ao fim do XIX)”* Jean-Claude Caron estudou documentos deixados por mestres, diretores, pedagogos e, pelas memórias que políticos e romancistas registraram em suas obras. Para entender a vida de um estudante nos colégios e liceus no século XIX, é preciso reconstituir, mostra o autor, rotina violenta que impunham. Quase sempre o jovem era um interno que lamentava o afastamento da família, e, que passava em média onze horas em posição sentada em uma postura que teoricamente era silenciosa. O autor descreveu através dos testemunhos da época, as péssimas condições dos prédios, a debilidade no preparo dos professores e dos conteúdos ministrados. A experiência dos jovens pode ser captada sobretudo, nas longas e constantes descrições de conflitos entre alunos e seus professores e administradores escolares. O principal mérito do artigo é o de traçar uma cronologia que delimitará qualitativamente a função social e política da instituição escolar na França. O projeto jacobino, expresso particularmente

na Convenção de 1792, pretendeu criar através da escola, uma geração com padrões de pensamento e comportamento revolucionários. De fato, esse projeto demorou para se realizar. Para o autor, que concorda com Ariès, ele só pode ser considerado totalmente implantado, na França, na segunda metade do século XX. Vale a pena acompanhar esse penoso processo de implantação, lendo esse estudo.

*“Jovens rebeldes e revolucionários: 1789-1917”* escrito por Sérgio Luzzanatto é um capítulo arrebatador. Extremamente erudito é mais ainda, provocativo. No século XIX, defende o autor, “a juventude deixou de existir, mas hipertrofiou o imaginário” Defende ainda que o jacobinismo criou a própria concepção de geração ao confiar o sucesso da Revolução aos jovens e à sólida formação cívica e nacional que lhes seria inculcada através da escola leiga e gratuita. Descreve ainda os conflitos criados por um projeto que depositava nos jovens toda a esperança mas que permitia a plena participação política somente aqueles que ultrapassassem os quarenta anos. Trata ainda do drama daqueles que, imbuídos dos ética e do heroísmo dos tempos revolucionários, sobreviveram à revolução e acabaram amargurados acusando aqueles que sendo cronologicamente jovens, partilhavam do velho espírito não revolucionário. Mas o autor mostra que se em 1848 a juventude francesa demonstrava uma profunda indiferença à participação política, a juventude de outros países europeus continuava sacrificando suas vidas pelos projetos dos velhos, e quase sempre exilados revolucionários. O autor passará pela criação do “estilo bohemien” que marcará a juventude no período da Comuna, e pela consolidação de uma visão

subjetivista e voluntarista de fazer política que a historiografia socialista e acadêmica francesa, divulgou ao analisar a Revolução Francesa. O autor terminou o artigo se reportando aos ecos destas concepções entre os populistas russos e na trajetória intelectual de Lenin.

Laura Malvano em *“O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano”* analisou a vasta documentação iconográfica encontradas nas bienais dirigidas pelo Sindicato Fascista das Belas Artes. Mostra que essa arte dirigida por ideais políticos foi impondo símbolos que indicavam um estilo de vida fascista, o modo de vida de conceber a vida. Ela substituiu o “look” juvenil inconformista composto por caveiras com punhal entre os dentes dos primeiros anos, por imagens mais respeitáveis e tranquilas. A autora analisa a força simbólica de imagens como “Mamma Itália” e de seus filhos jovens, saudáveis esportistas. Indica a insistência da ideologia fascista na representação do povo como um jovem viril e na enfática propaganda de famílias numerosas, modelo de família rural imposto a todo conjunto da sociedade. Analisa ainda as ilustrações dos inúmeros periódicos que veiculavam idéias fascistas, criando imagens fortes. Um exemplo tratado é o balilla, menino fardado que enfrentou um soldado austríaco. A situação dos jovens também aparece neste estudo, através do mesmo recurso. Essa exaltação do jovem concreto se transforma numa exaltação do Dulce considerado, o mais jovem de todos os jovens, símbolo dos símbolos. Pouco a pouco, a ideologia fascista vai enveredando para uma apologia daqueles que têm idéias jovens, e a sua derrota como lembrará o estudo deixará um entulho mental que

pesará sobre as gerações cronologicamente jovens após a derrota do fascismo.

A partir dos 10 anos o jovem alemão era convocado a tornar-se um soldado do Reich. De acordo com o depoimento de Erika Mann, citado por Eric Michaud, pertencer a juventude na Alemanha nazista poderia implicar em fazer a saudação hitlerista de 50 a 150 vezes num só dia. O projeto nazista, colocou em segundo plano a família e a escola como meios de formação para os jovens. O Estado assumiu esse papel de maneira direta através do controle do Partido sobre as HJ, unidades da juventude hitlerista. A partir de 1932 integrar uma HJ implicava para o participante pequenos privilégios, e, parece que a atração que elas exerciam vinha justamente do fato de propiciar uma certa liberdade para o jovem, frente a forte opressão que esses sentiam em relação a família e escola. A partir de 1935 a passagem pela HJ tornou-se requisito necessário para o ingresso nas universidades e em certas profissões liberais. O estudo apresenta as características específicas que revestiam as BDM, associações similares para as jovens. Mas tese do artigo *"Soldados de uma idéia: os jovens do Terceiro Reich"* ultrapassa os limites da apresentação da condição da população que compreendemos como jovem, porque ser jovem, de acordo com a ideologia nazista era sobretudo um comportamento. Para possuir ou manter uma alma jovem era preciso corresponder aos desejos do Führer. Um povo inteiro foi infantilizado pelo Estado, que retirou toda a responsabilidade dos indivíduos sobre as suas vidas e exigiu, no lugar dela, obediência cega. O estudo insiste no difícil exercício praticado por cada alemão que, neste contexto, aderiu ao Führer.

Era preciso lutar para acabar com "o que havia de judeu dentro de cada um". Corresponder a vontade do Führer, obedecer implicava na autoprodução de gestos, trajés, cantos, slogans, etc. Aproximadamente 40% da juventude alemã esteve alheia a imposição de ingresso nas HJ. Os poucos jovens que resistiram abertamente e que no período preferiram o jazz ou o swing, e as vestimentas inglesas, também foram alvo de perseguição do Estado que se quis jovem.

*"A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens na Itália fascista e os Estados Unidos da década de 50"* assinado por Luisa Passerini, tentará mostrar as semelhanças ideológicas que poderemos encontrar em dois contextos tão diferentes. O leitor não encontrará um trabalho comparativo propriamente dito; acho que as semelhanças, se existem de fato, não foram devidamente explicitadas nesta apresentação. A leitura do capítulo vale pela excelente síntese que a autora faz da condição juvenil em cada um desses dois períodos e contextos abordados. A autora defenderá que o fascismo, alimentando-se do problema da reintegração ex-combatentes com o fim da Primeira Guerra, (não por acaso, jovens), transformará o problema político e social em problema geracional. Após sua consolidação, o fascismo não mais defendeu o jovem biológico, mas do espírito jovem: inquieto, belicoso, arrojado, generoso, característico de todo genuíno "fasci". A autora analisou também a produção cinematográfica do período que representou de alguma forma a propaganda destes ideais. O estudo sobre os jovens norte-americanos no anos 50 foi organizado em três frentes. A autora apresenta a

constituição da idéia e do campo de estudos que tenta revelar o que era o adolescente (teenager) e seus problemas. Ela sintetiza os estudos mais significativos desenvolvidos por psicólogos, sociólogos e até jornalistas que deram corpo a atual concepção de adolescência. Seguindo as próprias pistas oferecidas por esse debate, a autora descreveu a experiência do jovem americano no período. A parte das relações com pais e professores esses jovens criaram uma sub-cultura onde tornaram-se referentes de si próprios. Isso só foi possível a partir da generalização e prolongamento da vida escolar. A high school criou espaços de convivência que cobriram o dia a dia do jovem de uma maneira totalmente apartada do mundo adulto. Neste ítem a autora tratou ainda das diferença que marcavam os jovens do sexo masculino e feminino nestes agrupamentos. Por fim, a autora apresentou uma interessante análise da produção cinematográfica que, nos anos 50, teve o jovem e seus problemas como tema e esse mesmo grupo como público consumidor. São nestes filmes que se institui pela primeira vez na história, uma estética que diferencia o jovem do adulto. Produção que apresentará, o jovem como o restaurador de uma sociedade desordenada e sem rumo, algo bastante similar ao que foi defendido pelo fascismo italiano em anos anteriores.

*Dirce Spedo Rodrigues*  
Mestranda - Faculdade de Educação,  
Universidade de São Paulo